

# O processo de formação de palavras com os *splinters* –nese –nejo e –tone.

The process of words formation with splinters –nese, -nejo and –tone.

Regina Simões Alves<sup>1</sup>  
Carlos Alexandre Victório Gonçalves<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo a análise do processo de formação de palavras como ‘macarronese’, ‘sambanejo’ e ‘chocotone’ que envolvem os formativos –nese, -nejo e -tone denominados ‘splinters’, termo proposto para designar constituintes de um determinado tipo de processo de formação de palavras chamado cruzamento vocabular nos termos de Sandmann (1997). Com base em autores como Bauer (1983), Algeo (1991), Sandmann (1997), Danks (2003) e outros, o presente artigo se propõe a discutir o status de tais elementos que figuram em novas unidades morfológicas através do processo de reanálise a exemplo de ‘ovonese’, ‘sorvetone’, ‘sextaneja’, etc. e procura comprovar que, apesar da divergência de visões entre os autores citados, a formação de palavras com *splinters* apresenta padrão e regularidade quando analisada à luz de alguns critérios como, por exemplo, a posição ocupada por tais elementos na palavra *output*, aplicabilidade, densidade semântica, etc. O *corpus* utilizado no trabalho foi coletado através de rastreadores eletrônicos como o Google e o Yahoo, bem como de situação de comunicação variada.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Splinters*. Cruzamento vocabular. Formação de palavras.

**ABSTRACT:** This paper aims at the analysis of the formation of words like, ‘macarronese’, ‘sambanejo’ and ‘chocotone’ process involving the formatives –nese, -nejo and –tone, called ‘splinters’, a term proposed to designate constituents a particular type of word formation process called blending in terms of Sandmann (1997). Based on authors such as Bauer (1983), Algeo (1991), Sandmann (1997), Danks (2003), and others, this present research aims to discuss the status of these elements that figure in new morphological units through the reanalyze process like ‘ovonese’, ‘sorvetone’, ‘sextaneja’, etc. And seeks to demonstrate that despite the divergence of views among the mentioned authors, the ‘splinters’ presents pattern and regularities when examined in the light of some criteria, e.g., the position occupied by such elements in the output word, applicability, density semantics, etc. The *corpus* used in this study was collected through electronics tracker as Google, Yahoo as well as varied situation of communication.

**KEYWORDS:** Splinters. Blending. Word-formation.

---

<sup>1</sup> Mestre pela UFRJ e doutoranda na UFRJ

<sup>2</sup> Professor titular da UFRJ - Departamento de Letras Vernáculas - Língua Portuguesa

## **Introdução**

Segundo Sandmann (1997, p. 23), a língua se vale de três recursos para ampliação do léxico; desses três, dois o autor chama de marginais: a) o empréstimo de outras línguas, como em 'judô', 'líder', etc e b) a criação 'do nada' como 'tititi'; porém, o processo principal é o que forma palavras a partir de palavras/morfemas preexistentes; são exemplos deste processo a derivação e a composição. Segundo o autor (op.cit.), a utilização de uma base e afixos nos coloca diante do processo derivacional como em 'pré-infarto', 'canastrice' etc, mas, se ao invés de afixos, utilizarmos mais de uma base, teremos o processo chamado composição. Somente no capítulo quatro desta mesma obra, o autor (op.cit, p.58) descreve os chamados "Tipos especiais de formação de palavras" e entre eles está o 'cruzamento vocabular', processo pelo qual se interessa este trabalho. Este, o autor define como "um tipo de composição, diferenciando-se desta porque no cruzamento vocabular as bases que entram na formação de nova unidade lexical, ou ao menos uma, sofrem diminuição, não sistemática ou regular, de seu corpo fônico". Sandmann cita como exemplo a palavra 'larango', nome de suco de lar(anja) e (mor)ango; exemplo que nos permite observar corte nas duas bases. Ainda segundo o autor, a estrutura silábica da língua é resguardada, porém a opção de onde se faz o corte é de quem cria a palavra. O foco deste estudo é um tipo específico de constituinte morfológico envolvido no cruzamento vocabular ou em forma combinada: os *splinters*.

## **O processo na visão de outros autores.**

É importante ressaltar que não há um consenso entre os autores a respeito do conceito de '*blending*' ou cruzamento vocabular, '*splinter*' e '*clipping*'. Há autores como Bauer (1983) que chegam a conceituar esses últimos (*clipping* e *splinter*) de forma que podemos concluir que não há diferença entre esses

elementos, fato que discutiremos mais adiante, ainda nesta seção. Adams (1973, p.147) aponta a origem do termo '*splinter*', que vem de Berman (1961), e usa o termo para se referir especificamente às partes de uma mistura que são descendentes de cada uma das palavras de entrada para a mistura.

Há também a dúvida se eles fazem parte do processo de formação de palavras e se eles pertencem à área da morfologia.

Danks (2003), em sua tese de doutorado, pontua que *blending* é um processo muito utilizado e faz parte da linguagem diária. Segundo a autora, esse processo apresenta inventividade e jocosidade, o que o torna atrativo não só para linguistas, mas também profissionais da escrita como, por exemplo, escritores de piada, gracejos etc. Ainda segundo a autora (op.cit.), muitos linguistas como Pound (1914) e Cannon (1986) registram que os *blending* são considerados um processo de formação de palavras menor, pois muitos não vão além da linguagem comum e conseqüentemente não há muitas pesquisas nessa área. Nosso ponto de vista, assim como o de Danks (2003), difere desses autores, pois não é o que os dados e trabalhos recentes comprovam. Vejamos o conceito com o qual Danks trabalha e ressaltamos que é com ele que analisaremos os formativos que apresentamos como objeto de nossa investigação.

Neste trabalho, concordamos com Danks (2003) que postula que algumas palavras possuem em sua formação um *splinter* e não são consideradas '*blends*', pois para serem *blends* as palavras precisam apresentar redução no 'ponto de fusão', descrição importante para entender esse processo, de acordo com a autora. Como exemplo, ela cita '*computertech*' (*computer* + *technology*). '*Tech*' é considerado por Danks um *splinter* e '*computer*' é uma palavra inalterada. Para a autora (op.cit), a presença de um *splinter* na forma *output* não significa que se trata de um caso de *blend* visto que não houve mudança no ponto de fusão. Portanto, é possível ter um *splinter* e a forma não ser considerada um *blend*. Concluímos que, se não houver coincidência de elementos ou misturas, a mera presença de um *splinter* não significa que o resultado seja um *blend*. Nesse caso, '*ovonese*', '*forronejo*' e '*sorvetone*' podem

ser considerados, por nós, um caso de *'blend'*, baseando-nos no conceito de Danks.

Para Bauer, deve haver redução em ambas palavras e por isso ela fica sem saber como classificar palavras como *'boxercise'*, pois houve redução em apenas uma palavra. Bauer (1983, p.236) sublinha que “pode ser que elas sejam um composto formado por *clipping* e um lexema inalterado<sup>3</sup>”. Concluímos com esse fato que, para Bauer, as formas acima citadas (*'ovonese'*, *'forronejo'*) não seriam caso de *blend*, já que não temos redução em ambas palavras. A forma *'sorvetone'*, porém, poderia ser considerada um caso de *blend* por Bauer, uma vez que há mudança na parte final da palavra *'sorvete'*. O conceito de Bauer torna o processo um tanto confuso, pois afirmar que o *splinter* –nese em *'ovonese'* é um *clipping*, é, pelo menos para o nosso trabalho, contrariar o conceito com o qual trabalhamos, pois *clipping* é uma forma livre e não presa, como defende Danks (2003).

Adams (1973) difere de Danks, pois, para ele, todas as palavras que contêm *splinter* são casos de *blend*. Mesmo com ponto de vista diferente, para Adams, exemplos como os citados acima são casos de *blend*, independente de onde ocorra a forma *splinter*. Para ele, portanto, a forma *'computerteck'* é um exemplar de *'blend'*.

Para Chung (2009, p.17), *blends* são “em essência, combinação de duas formas encurtadas”; conceito semelhante ao de Bauer (1983).

Trabalho recente dos autores Gonçalves e Andrade (2011) aprofunda o questionamento a respeito da categorização das unidades morfológicas envolvidas nesse tipo de formação de palavras: *'cruzamento vocabular'* e se propõem demonstrar que as unidades envolvidas nesse tipo de formação “podem ser dispostas num *continuum* morfológico determinado tanto por propriedades estruturais quanto semânticas”, (GONÇALVES; ANDRADE, 2011, p.1-2). Os autores afirmam que “Se por um lado o estatuto do formativo

---

<sup>3</sup> Nossa tradução para: “A blend is a new lexeme formed from parts of two or more other lexemes”. (BAUER, 1986, p.238) e “.. under blends, there is a set of formations whose precise status in the taxonomy is difficult to discern. There are words which function like blends, but which keep one of the two bases intact.” (BAUER, 1983, p.236).

determina a operação morfológica, por outro, nem sempre é fácil decidir se uma unidade é afixo ou radical”. Abordaremos a visão dos autores (op.cit.) detalhadamente mais à frente.

Quanto à controvérsia a respeito da inclusão, ou não, desse tipo de formação no processo de formação de palavras e na morfologia, Bauer (1988, p.39) assinala que “É extremamente duvidoso se palavras como *blends* podem ser analisadas entre os morfemas e se elas realmente fazem parte da morfologia”. Chung (2009, p.16) afirma que esse tipo de formação de palavra possui regra e padrão e, por esse motivo, não deve ser relegado ao estudo do léxico.

### **A diferença entre *splinter* e *clipping***

Vejamos o conceito de *splinter* de acordo com alguns autores, a começar por Lehrer (1998). Para a autora, *splinter* é ‘pedaço não necessariamente morfêmico na forma modelo que aparece em novas construções lexicais’. E cita os seguintes exemplos: *-gate* (*Watergate, irangate...*) e *-thon* (*marathon, bikathon...*).

Já para Bauer (1986, 77):

...*Splinter* é uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras. Como exemplo familiar, considere a palavra ‘*alcoholic*’. Em termos morfológicos, esta é dividida em ‘*alcohol* e *-ic*. Mas esta palavra foi reanalisada como *alc-e-oholic*, e o novo *splinter -oholic* ... re-ocorre em palavras como *aschocoholic, spendaholic, andshopoholic*.

O conceito dado por Bauer (1986) para o processo de *clipping* é igual à sua descrição para o *splinter*, já que para ela tanto *clipping* quanto *splinter* são processos de encurtamento de lexemas simples ou compostos que retém o mesmo significado do todo e pertencente à mesma classe de palavras.

Para Chung (2009), os *splinters* são morfemas de fronteira, encontrados

em mesclagem<sup>4</sup>. Esse material pode tornar-se tão comum que as pessoas começam a usá-lo frequentemente e ele também pode perder sua conexão com a palavra-fonte e pode ser considerado um morfema por direito.

É importante pontuar que, para a formação de '*splinter*', uma palavra passa a reter o significado do todo, podendo assim ser utilizada na formação de novos vocábulos, como nos exemplos em 01:

01. macarronese	camaronese	ovonese
suchinese	molhonese	alhonese

Para Cannon (1986, p. 136), o "*splinter* é usado para descrever um 'pedaço' de palavra que se caracteriza em *blends*". Quando retém o começo da base é "*initial splinters*", quando retém a parte final, "*terminal splinters*" e no meio da palavra, trata-se de "*mid splinters*". Também pode acontecer de a palavra perder o meio e ficar com o início e o final da palavra; este caso é raro, mas é considerado um processo de encurtamento. Danks (2003) o nomeia "*not mid splinters*". É o caso de '*alium*', de '*aluminium*'.

Danks (2003) adota o conceito de *clipping* de Bauer (1983) e diz que ele serve tanto para *clipping* quanto para *splinter*. Danks (op.cit.) pontua que há três processos de encurtamento envolvendo um *clipping*: a) um lexema pode ser encurtado por *clipping* \_\_ que é o mais comum. A exemplo de '*bi*' de '*bissexual*', b) o segundo é o *clipping* que retém o significado final da palavra, como por exemplo, '*loid*' de '*celuloid*' e c) o terceiro, menos usual, é quando o lexema perde o início e o final da palavra, mas retém o meio, como em '*jams*' de '*pyjamas*', '*flu*' de '*influenza*', etc. A autora utiliza o conceito proposto por Bauer, mas faz algumas observações importantes. Danks afirma que eles (*splinter* e *clipping*) são formados de igual maneira; entretanto, não fazem parte da mesma regra de formação de palavras, pois os *splinters* precisam combinar com outro elemento e formar a palavra. Esse não é o caso dos

---

<sup>4</sup> Tradução para: "splinter is bound morphemes found in blends" (Chung, 2009, p. 17). E "a splinter becomes so common that people start using it frequently; it may lose its connection with the source word and can be considered as a morpheme in its own right" (Chung, 2009, p. 9).

*clippings*, pois são autônomos, são morfemas livres, enquanto os *splinters* são presos (*bound forms*) e não podem ser usados sozinhos, devendo se fundir a outra forma. A formação de um *splinter* + uma palavra terá como resultado um *blend*, porém, um *clipping* + uma palavra terá como resultado um composto, por serem os *clippings* considerados verdadeiras palavras. Portanto, -nese, -nejo e -tone são *splinters*, indubitavelmente, por serem formas presas. Analisemos os exemplos abaixo em 02. Antes, porém, faz-se necessário observar que o *corpus* utilizado na pesquisa não foi retirado de obras lexicográficas da Língua Portuguesa, pois esse tipo de obra resulta de uma seleção do léxico total de uma língua e não registram, por conseguinte, todas as unidades lexicais que a ela pertencem. Os dados foram, portanto, recolhidos e atestados por meio de ferramenta eletrônica de busca como o *Google* e o *Yahoo* e textos de Internet. Verificou-se que este tipo de ferramenta se mostrou apropriada, pois possibilitou a identificação e a atestação das unidades linguísticas pesquisadas.

Alguns dados com -nejo foram retirados de cartazes de propagandas de Show e também de entrevistas com cantores que misturam esses ritmos. Já o *splinter* -tone também foi atestado em embalagens e propagandas dos produtos que incluem em sua receita o 'panetone', a exemplo de 'chocotone'. Dados com -nese, por sua vez, foram encontrados em receitas de pratos citados no *corpus*, como 'macarronese', por exemplo.

Os itens foram agrupados, inicialmente, e analisados a partir do operador morfológico (*splinter*).

02. chocotone	sorvetone	sambanejo
eletronejo	<i>funknejo</i>	<i>popnejo</i>
macarronese	ovonese	camaronese

De acordo com o *corpus*, os dados trabalhados ocupam a posição de *splinters* finais e esse fato faz com que esses formativos sejam considerados *splinters* por autores como Algeo (1991), Bauer (1983) e Danks (2003), entre

outros. Contudo, de acordo com a regra de formação, esses autores divergem em relação ao fato de as formas *output* serem consideradas um caso de ‘blend’. Para Danks, autores como Algeo e Bauer têm dificuldade de relacionar o conceito com os exemplos de *blend*. Para Bauer, ‘macarronese’ seria um caso de *blend*, mas ‘ovonese’ não seria, uma vez que não houve redução ou compartilhamento de fonemas no lexema ‘ovo’. Fato semelhante ocorre com a palavra ‘popnejo’ que, por apresentar um processo de *clipping*, (lexema de livre curso na língua) não seria, para Bauer, um caso de *blend*, mas o é para Danks, pois a autora considera que *blend* pode ter um *ranking* de diferentes tipos de *splinters*, o qual pode ocorrer tanto como primeiro ou segundo elemento como também com “boundforma” e palavras simples ou complexas. A autora afirma que autores, a exemplo de Soudek (1978), por exemplo, excluem de sua tipologia de ‘blends’ palavras com *clipping*, compostos, acrônimos e outros com formação similar.

### ***Splinter* ou afixo ou *clipping***

Segundo Danks (2003), a alta produtividade de um *splinter* pode torná-lo um afixo, que pode ter começado sua vida como um *splinter*. Segundo a autora, o *clipping* ‘burger’ começou como um *splinter* de ‘Hamburger’ e foi usado em ‘beefburger’, ‘chickenburger’ e ‘cheeseburger’. E um *splinter* que começa a ser utilizado como um lexema, com livre curso na língua, pode ser reclassificado como um *clipping* e foi o que aconteceu com ‘burger’. As formas, acima citadas, foram classificadas como *blend*; sincronicamente podem ser classificados como compostos. Ainda segundo a autora, um *splinter* não pode se tornar um *clipping* de forma direta; antes ele precisa se tornar um afixo que também tem como característica o fato de ser um elemento preso e depois, ao ser usado como radical livre, pode ser reanalisado como *clipping*. É a frequência e a porcentagem do total de número de vezes (*tokens*) na qual as formas estão funcionando que indicará se estamos diante de um afixo. É interessante observar que esse fato também pode ser observado na língua portuguesa com

o *splinter* –nese, pois na frase “Receitas de nese<sup>5</sup>”, o formativo aparece como um elemento livre e, portanto, deveria ser reanalisado, uma vez que *splinter* é um tipo de forma presa. Nesse caso, talvez precisemos analisá-lo como um *clipping*, mas para isso precisaríamos checar a frequência e a porcentagem de ocorrência desse tipo de forma na língua, como afirma Danks (2003). O mesmo ocorre com ‘*nejo* universitário’ que muito utilizado como *splinter* final, como em ‘*sambanejo*’, passa a ser utilizado como um *splinter* inicial, porém com uma forma livre semelhante a uma forma de *clipping*.

O afixo difere do *splinter* no uso, pois o afixo apresenta maior possibilidade de novos usos e podem expressar agente, resultado, tempo, etc e é mais gramatical, ao contrário dos *splinters*, que apresentam maior restrição de aplicabilidade, devido a sua natureza de formação e são ‘altamente lexicais’. Esta é a principal diferença entre eles. Para Bauer (1983) os *splinters* não são de forma alguma um afixo. A autora afirma ainda que os *splinters* estão mais próximos dos compostos neoclássicos do que dos afixos.

### **O destino dos *splinters***

De acordo com Sandmann (1997, p.59), “pode-se naturalmente perguntar qual o status ou o destino dessas criações no código lingüístico de uma comunidade?” e o próprio autor responde que as mesmas têm vida efêmera, limitando-se ao momento ou contexto para o qual ou no qual foram criadas. Neste trabalho, discordamos em parte do que afirma o autor, já que temos exemplos de *splinters* que perduram há anos, como por exemplo, ‘*caipi*’ de ‘*caipirinha*’, que forma ‘*caipifruta*’, ‘*caipivodca*’, ‘*caipilé*’ e concordamos com Bauer que afirma que os *splinters* podem ter qualquer um destes três destinos possíveis: a) podem desaparecer, a exemplo de –*teria* de *cafeteria*<sup>6</sup>, que deu origem a *washeteria*<sup>7</sup> ou *washateria* e depois se tornou indisponível; b) podem

<sup>5</sup> O dado foi retirado da Internet e é título de diversas receitas que possuem como elemento principal a maionese: [www.tuasreceitas.com.br/p/nese.html](http://www.tuasreceitas.com.br/p/nese.html)

<sup>6</sup> Cafeteria, o termo surgiu em 1839, de acordo com o Dictionary .com

<sup>7</sup> ‘*Washateria*’ ou ‘*washeteria*’ surgiu em 1936, em Fort Worth, no Texas, conforme o Dictionary.com, on

tornar-se afixos produtivos, a exemplo de *-nomics* ou c) eles podem ainda se tornar palavras independentes, a exemplo de *burger*, originalmente uma reanálise de *hamburger*, que aparece em palavras como *beefburger* e *cheeseburger*.

### **Os splinters: são exemplos de composição ou derivação?**

Para Bauer (2005), não está claro se as novas formas usando *splinters* são derivadas ou compostas, já que os *splinters* podem ascender ao status de afixos ou palavras. Palavras também ocorrem com formas combinatórias iniciais.

*Splinters* são, por vezes, reanalisados como palavras, algumas vezes, como afixos e, às vezes, como elementos de construção de palavra que não parecem ter qualquer denotação particular. Mas há o fato de muitos afixos possuírem vários usos, ao passo que o *splinter*, não.

Como já foi dito anteriormente, Gonçalves & Andrade (2011, p.1) afirmam que “nem sempre é fácil saber se uma unidade constitui afixo ou radical” e conseguiram mostrar, seguindo Baker (2000) e Ralli (2007), que as unidades envolvidas na formação de palavras podem ser dispostas num *continuum* e por meio de vários critérios analisaram esses elementos e propuseram a expansão desse *continuum*. Nas palavras dos autores:

Com base em formações mais recentes do português (sobretudo em sua variante brasileira), pretendemos demonstrar que vários tipos de elementos morfológicos, além de radicais presos, podem ser dispostos no *continuum* radical-afixo, pois igualmente dão mostras da dificuldade de categorizar como compostas ou derivadas as construções morfológicas de que participam. (2011, p.1)

E concluem que *splinters*, afixoides e xenocointuantes têm características próprias e diferenças consideráveis em relação aos vários critérios empíricos

---

line. A palavra foi formada a partir de wash + a + teria.

utilizados para distinguir afixos de radicais.

Ainda de acordo com Gonçalves (2011, p.10):

*Splinters* se assemelham a radicais ou a palavras, mas ostentam propriedades mais características de afixos...o fato de serem formas presas (Iorgu & Manoliu, 1980) e a fixação à esquerda (caipi-) ou à direita nas construções de que participam (-lândia, -trocínio, -lé). Por esses motivos, afastam-se do polo direito do *continuum*, não sendo considerados, em consequência, composições prototípicas. No entanto, a realização em mais de uma palavra prosódica (Piñeros, 2000), como acontece com -drasta e -trocínio, e a vinculação a palavras, por evocação às formas de onde partiram nas fusões vocabulares, afastam a possibilidade de analisá-las como derivadas. Tem-se, aí, portanto, um caso claro de fronteira derivação-composição.

Neste trabalho, concordamos com os autores (op.cit.), pois se de acordo com as regras de uso, esses elementos não podem ser classificados como derivados ou compostos, logo, eles devem ser considerados elementos de fronteira, pois reúnem características de ambos processos. Dito de outra maneira, um *splinter*, por exemplo, pode ser igual a um afixo no que diz respeito a serem formas presas, porém diferem no fato de que aquele é altamente lexical ao passo que este é altamente gramatical.

### **Analisando os dados**

Nesta seção, analisamos as formas segundo alguns critérios não contemplados na seção anterior. Antes, vale ressaltar que os formativos analisados (-nese, nejo e -tone) vêm sendo utilizados na criação de novas palavras com função denominadora (que designa seres ou entidades), nos termos de Basílio (2006). Permanecem, porém, com o mesmo significado que encontramos na palavra inteira. 'Macarronese', por exemplo, denomina um prato na culinária e faz referência aos principais componentes do prato: macarrão e maionese. E o formativo *-nese* continua fazendo referência ao componente 'maionese', ou seja, a forma encurtada possui o mesmo significado da palavra que lhe deu origem. Em outras palavras, *-nese* é interpretado como

significativo e é posteriormente utilizado na criação de novas palavras, assemelhando-se a um afixo, como em ‘camaronese’, ‘ovonese’, ‘sushinese’, ‘alhonese’, ‘molhonese’. Esses dois últimos exemplos não fazem referência a um prato e sim a um tipo de mistura de alho e molho com maionese, respectivamente. Todos estão no domínio conceptual da culinária. Em todos os casos, temos como base um substantivo + -nese (*splinter* originado de base substantiva) e a forma de *output* também é um substantivo. A formação presente é uma palavra + um *splinter*, que forma, segundo Danks (2003), um *blend*. Vale ressaltar que para Bauer, quando se tem uma palavra inteira no cruzamento, o resultado não é um *blend*.

Também encontramos dados como um composto: ‘maionese de alho’, ‘sardinha de maionese’, ‘maionese maravilha’ e ‘maionese de camarão’. O formativo aparece, inclusive, em uma expressão, já exemplificada anteriormente: “viajando na nese”, nova forma de dizer “viajando na maionese”. Nesse caso, o *splinter* figura como um *clipping*, pois, como já foi dito anteriormente, está funcionando como forma livre, característica que diferencia *clipping* de *splinter*. Este dado porém está dentro do domínio da metáfora, o que o diferencia dos outros.

O *splinter –tone* (originado do encurtamento de panetone) já não tem a mesma aplicabilidade, se comparado ao *splinter –nese*. Figura em palavras como ‘chocotone’ e ‘sorvetone’ e faz referência a um ‘tipo de’. ‘Chocotone’ é um tipo de panetone com chocolate, assim como ‘sorvetone’ é um tipo de panetone com sorvete. Nesse caso, temos, tanto em ‘chocotone’ quanto em ‘sorvetone’, a redução de ambas as palavras. A ‘regra’ de formação é *splinter* inicial + *splinter* final e tem como resultado um *blend*; tanto para Danks (2003) como para Bauer (1983). A motivação do processo é denominadora e tanto as formas de origem como as de *output* pertencem à mesma classe de palavra: substantivo.

Gonçalves e Andrade (2011, p.10) consideram ‘choco’ de ‘chocotone’ um *splinter* inicial, assim como Danks, mas em ‘chocomania’ (p.2) a forma ‘choco’ é considerada uma forma resultante de *clipping*. Inferimos que os autores seguem o conceito de Bauer, que defende a ideia de que não temos

*blend* em formações que possuam uma base inalterada. Desse modo, discordam em parte do conceito de Danks, pois para ela tanto ‘chocotone’ como ‘chocomania’ são casos de *blend*, visto que ‘choco’, para ser considerado um *clipping*, precisaria ocorrer como forma livre.

O *splinter -nejo* tem uma formação diferente dos *splinters* acima citados, pois aparece tanto em posição inicial como em posição final. Vejamos os dados em 03.

03. eletronejo	funknejo	Topnejo
sambanejo	forronejo	Popnejo
pagonejo	nejo universitário	

Os dados com -nejo formam grupos diferenciados quanto à ‘regra’ de formação; primeiramente o próprio *splinter* foi formado a partir do sufixo -ejo (raro para indicar gentílico) como em sertanejo (relativo a sertão, na forma sertan). O *splinter* se origina de uma reanálise da forma sertan+-ejo que formou sertan+-nejo. Em relação à regra, temos:

1º: palavras + *splinter* em ‘forronejo’, ‘sambanejo’, ‘funknejo’, ‘popnejo’

2º: *splinter* + *splinter* em ‘pagonejo’, ‘topnejo’

3º: *clipping* + *splinter* em ‘eletronejo’

4º: *splinter* + *palavra* em nejo universitário

No primeiro grupo, observamos que o processo tem motivação denominadora: nomeia um tipo de ritmo musical que provém da mistura de outros dois ritmos. Nesse caso, o formativo se liga a uma palavra de livre curso na língua, independente de serem empréstimos (funk e pop).

No segundo grupo, temos dois *splinters* iniciais como pago- e top- que possuem como forma de *input* ‘pagode’ e ‘tope’, respectivamente + *splinter* final -nejo. Assim como no primeiro grupo, a motivação da formação é denominadora.

O terceiro caso é diferente, pois o *splinter* –nejo foi adjungido a uma forma de livre curso na língua denominada *clipping*. ‘Eletro’ se origina da forma de base eletrônico(a), significa um tipo de ritmo musical (eletrônico).

O quarto caso é um *splinter* final + uma palavra que se refere a um tipo de música sertaneja com ritmo diferenciado. Todos os dados com –nejo estão no domínio conceptual da música, mais precisamente de ritmo musical, assim como a palavra de origem.

Essas formações não nos parecem efêmeras, como afirma Sandmann (1997), pois nomeiam novas entidades que agradaram muito tanto no que se refere à culinária quanto ao ritmo musical. Portanto tais elementos já se fixaram na língua como *splinter*.

### **Considerações finais**

O processo de *blend* é uma estratégia de formação de palavras popular e comum. O processo tem regras e padrões, como pode ser visto em Danks (2003), que considera *blend* e *splinter* processos pertencentes ao escopo da formação de palavras, mas muitos autores os excluem da morfologia, inserindo-o apenas no estudo do léxico, inclusive a autora (op.cit).

É importante ressaltar que o estudo de comparação desses processos em português é muito interessante e produtivo. Podemos observar que a classificação desses formativos requer uma atenção especial, pois não podemos afirmar que sua transição já esteja completa. Assim, um *splinter*, hoje, poderá ser analisado como um *clipping* amanhã. Ainda temos que considerar que alguns figuram em posições diferentes e em contextos diferentes sendo analisados como *splinter*, como é o caso de –nese em ‘macarronese’, e *clipping* em “Receitas de nese”. Por esse motivo, é necessário se ter em mente o padrão de cada tipo de formação, pois os conceitos podem coincidir, mas as regras, não. O padrão de formação é diferente, concordando com Danks (2003).

### **Referências**

ADAMS, Valerie. *An introduction to modern English word formation*. London: Longman, 1973.

ALGEO, John. *Fifty year among the new words*. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

BAUER, Laurie. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. *Introducing linguistics morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. The Borderline between Derivation and Compounding. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

\_\_\_\_\_. *A Glossary of Morphology*. Washington, DC. Georgetown University Press. 2004.

CANNON, Garland. *Blend in English word formation*. *Linguistics*, 24, 1986, p. 725-753.

CHUNG, Karen Steffen. *Putting blend in their place*. National Taiwan University: Taipei, Taiwan, 2009.

DANKS, Debbie. *Separating blends: A formal investigation of the blending process in English and its relationship to associa Ted Word formation processes*. 2003. 427f. Thesis (doctor in Philosophy) - University of Liverpool, Liverpool, 2003.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. & ANDRADE, Kátia Emmerick. *O estatuto do constituinte morfológico e o continuum composição-derivação em Português*. [S.n.], [S.l.], 2011.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um Continuum? Pequeno estudo de casos. Domínios da Lingu@gem*, Uberlândia, 2011 a. v 5.

LEHRER, Adrienne. *Prefix in English word formation*. Folia Linguistica, xxix /1-2, [S.l.],1998, p. 133-148.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1997.